

ESPECIALIZAÇÃO E CULTURA TÉCNICA

É corrente ouvir-se dizer que este tempo é dos especialistas. Sem dúvida, a diversidade de campos de aplicação do saber exige um aprofundamento dos conhecimentos dentro de áreas cada vez mais restritas nas técnicas, nas ciências, nas actividades comerciais, e até em muitos sectores da vida quotidiana não profissional. Mas essa especialização não deve ser conseguida em detrimento de uma visão mais alargada do conjunto dos saberes.

Um mundo de especialistas?

Muitas espécies animais, nomeadamente insectos, que vivem em grandes colónias, têm um comportamento característico: os seus membros são altamente especializados. Por exemplo, num formigueiro é natural que haja formigas que só se dedicam à procura de alimento para a colectividade, e não têm qualquer capacidade reprodutora, outras que só têm por função a defesa e para tal têm a sua anatomia transformada, uma outra, singular, assegura a geração de novos elementos e para tal têm também características morfológicas adequadas. As funções do conjunto daquela população formando a colónia estão assim repartidas rigorosamente, segundo uma organização rígida e eficiente; não há ali lugar para qualquer veleidade ou possibilidade de ser diferente do modelo inexorável e definido correspondente à classe ou função em que cada elemento foi colocado à nascença e terá de seguir até ao fim da sua vida.

O exemplo da eficiência destas organizações em que qualquer especificidade individual se dissolve perante a exigência do funcionamento e viabilidade do conjunto não deixou de excitar as imaginações de pensadores, filósofos da sociedade e teóricos da política, desde tempos remotos. Abundam na História visões utópicas de sociedades fechadas, exigindo dos seus membros a máxima especialização e cedência das suas personalidades próprias a uma lógica imperiosa e rígida, sob a justificação de serem a forma de assegurar o bem comum. E quando políticos visionários ou grupos motivados por esta convicção têm chegado ao poder e procurado realizá-la na prática, os resultados têm sido catastróficos, como se sabe.

Mas mesmo sem se chegar ao extremo de situações impostas pelo fanatismo ideológico, a vida moderna tem conduzido na prática a uma valorização excessiva da especialização. Na oferta e procura de emprego, é notória a crescente exigência de especialização. Nos grandes complexos industriais, a enorme variedade de funções é exercida por elementos cada vez mais especializados. Dir-se-ia que a vida económica, e a vida social, impõem e exigem cada vez mais a especialização.

Saber cada vez mais acerca de cada vez menos.

Uma piada muito vulgarizada consiste em dizer que um especialista é “uma pessoa que sabe cada vez mais acerca de cada vez menos, até chegar a saber tudo acerca de quase nada”. Para além do exagero grotesco desta facécia, há que reconhecer que contém muito de verdade, e implicitamente contém uma denúncia.

Num ambiente como o da vida contemporânea nos países desenvolvidos, a espantosa multiplicação das técnicas e tecnologias, das actividades e oportunidades, o desempenho de uma função e a utilização dos instrumentos e tecnicidades mais modernas exige uma concentração do conhecimento sobre um campo progressivamente mais restrito. Mas, como nas colónias de insectos, essa especialização e essa eficiência têm um preço a pagar por cada indivíduo: ao ser mais especializado também a sua capacidade de adaptação e a sua contextura intelectual são mais vulneráveis a mudanças das condições para que foram treinados e formados, e a sua visão do conjunto a que pertence está mais cerceada e condicionada.

O homem e a mulher que se especializam altamente num campo restrito das técnicas ou das ciências a ponto de pouco mais saberem ou se interessarem sobre tudo o que ultrapasse o seu horizonte intelectual limitado, abdicam de parte importante da sua condição humana que se situa na capacidade de interrogar o sentido do seu ser, receber o influxo da riqueza do pensamento acumulada pelas gerações e constantemente acrescentada e partilhar da criatividade e iniciativa que são motores do progresso.

A cultura, é também uma cultura técnica

Em termos mais concretos, uma especialização excessiva contraria a necessidade de uma capacidade de integrar conhecimentos em muitas áreas do saber, relacioná-los, explorar as sinergias e analogias entre saberes, capacidade essa que se está a revelar cada dia mais importante no campo das aplicações da técnica. Pode parecer paradoxal que num mundo que tem tendido a valorizar a máxima especialização, haja agora nos meios mais evoluídos e na área das tecnologias e meios empresariais de ponta uma tendência para pedir aos sistemas educativos que proporcionem uma formação de base dirigida à aquisição de uma cultura técnica e humanística. Porquê? Porque nesses meios se percebeu que a inovação, a imaginação e a capacidade de relacionar conhecimentos em áreas variadas, de assumir o risco do desafio e do desconhecido, o gosto da experiência fora dos caminhos conhecidos, são hoje qualidades bem mais importantes para o progresso, a inovação e a competitividade que a especialização pura e dura que foi o ideal ainda em tempos recentes. Percebeu-se que uma pessoa capaz de mudar de uma actividade especializada para outra, se tiver a capacidade também de trazer para ela a experiência, a perspectiva e as características da prática antes adquiridas, enriquece-a, estimula o pro-

gresso e permite encontrar novas soluções, ensaiar novos modos inexplorados, trazer um sentido crítico renovado.

Mas se aquela capacidade, apoiada numa cultura que é também uma cultura técnica é a que está a ser mais procurada pelos empregadores mais atentos e avançados, e sê-lo-á cada vez mais, é sobretudo o sinal de uma personalidade estruturada e apta a enfrentar os desafios da modernidade, não como a formiga anónima e especializada no âmbito do enorme formigueiro, mas sim como a personalidade plena, humana e livre.

É essa a personalidade que desejamos para os nossos filhos, e para a qual deve tender a educação que soubermos dar-lhe.